

Leia o texto abaixo.

“A leitora Elza Marques Martins me escreve uma carta divertida estranhando que “brasileiro” seja o único adjetivo pátrio terminado em “eiro”, que, segundo ela, é um sufixo pouco nobre. Existem suecos, ingleses e brasileiros, como existem médicos, terapeutas e curandeiros. As profissões de lixeiro, coveiro e carcereiro podem ser respeitáveis, mas o “eiro” é sinal de que elas não têm *status*. É a diferença entre jornalista e jornaleiro, entre músico ou musicista e roqueiro, timbaleiro ou seresteiro. Há o importador e o muambeiro. “Se você começou como padeiro, açougueiro ou carvoeiro” — escreve Elza — “as chances são mínimas de acabar como advogado, empresário, grande investidor ou latifundiário, a não ser que se dê ao trabalho político antes”. Aliás, há políticos e politiquinhos. Continua Elza: “Eu nunca vou chegar a colunável ou socialite se comecei como faxineira ou copeira. Você pode ser católico, protestante, maometano, budista ou oportunista ou então macumbeiro.” Mas a leitora nota que o dono do banco é banqueiro, enquanto o funcionário é bancário, o que pode ser um julgamento inconsciente de caráter feito pela língua.

Elza — que por sinal se considerava uma harpeira até começar a tocar numa sinfônica e virar harpista — me sugere uma campanha nacional para passarmos a nos chamar de “brasilinos, brasilezes, brasilenses, brasilianos, brasilitanos, brasilitas, brasileus, brasilotos ou brasilões”, o que aumentaria muito nossa auto-estima e nossas chances de chegar ao mundo maravilhoso dos americanos, belgas e monegascos.”

Luís Fernando Veríssimo. *Jornal do Brasil*, 7 de outubro de 1995.

PRIMEIRA QUESTÃO

Construa um parágrafo, explicando o sentido que a leitora Elza atribui ao sufixo “eiro”.

SEGUNDA QUESTÃO

Ainda com base no texto de Veríssimo, explicita a razão pela qual dono de banco é denominado **banqueiro**, enquanto o funcionário é **bancário**.

TERCEIRA QUESTÃO

Observe o trecho abaixo, publicado em 21 de janeiro de 2003, no jornal *O Estado de S. Paulo*, no caderno Cidades, seção *Há mais de um século*.

“É melindrosíssima a situação do Acre. Asseguram que o governo deu ordens para que os couraçados de Deodoro estejam prontos a fim de partirem para Manaus. Vários vapores do Lloyds transportarão forças para as fronteiras de Mato Grosso e Amazonas. O governo já esgotou todos os meios diplomáticos a fim de garantir a vida dos brasileiros acreanos.”

(Ortografia atualizada)

Reescreva a notícia, adequando-a ao padrão escrito culto atual, **de modo a deixar claro que os eventos ocorreram há mais de um século**.

QUARTA QUESTÃO

Leia atentamente o fragmento abaixo:

“O rumo da história está mudando com a guerra no Iraque e numa velocidade incompatível com o tempo necessário para compreendermos e assimilarmos o verdadeiro significado dessa mudança. Não somos seus meros espectadores. Essa guerra nos afeta pelo que ouvimos, lemos e vemos a seu respeito. Ela aparece nos nossos sonhos, contamina nosso humor, dirige surdamente nossos planos. Não importa onde ocorra, uma guerra se espalha por toda parte como uma nuvem negra, um peso difuso. O mal que se desprende na guerra é a prepotência do poder, o ímpeto devastador e desmedido da força e da violência que, de propósito, são usadas para ferir e matar os homens, para devastar o mundo por eles tão arduamente construído e, a reboque, assolar a natureza.”

Dulce Critelli. *Folha de S. Paulo*, 24 de abril de 2003.

Redija uma **paráfrase** do texto acima.